

## Entre o acordo e a revolta

**As relações entre as forças de ocupação dos EUA e os grupos xiitas vão da colaboração ao enfrentamento sangrento**

O pico de violência que assolou o Iraque na primeira quinzena de abril, quando morreram 90 soldados americanos (mais de 12% do total de baixas desde o início da guerra, em março de 2003) e 700 iraquianos, trouxe à tona um novo problema para as forças de ocupação lideradas pelos EUA: a adesão de muçulmanos xiitas, facção reprimida pelo regime de Saddam Hussein, à insurgência iraquiana, antes conduzida praticamente apenas pela minoria sunita.

Divididos em pelo menos três grandes grupos, os xiitas (cerca de 60% da população iraquiana) têm posições diferentes em relação à ocupação americana. O único grupo que luta abertamente contra as forças estrangeiras é o Exército Mehdi, liderado pelo clérigo Musqdata Al Sadr. Sadr, que se refu-

Sistani, a principal autoridade xiita iraquiana. Sistani, que é consultado frequentemente pelos americanos para a formação de novo governo no Iraque, pediu a seus seguidores para que não ataquem as forças ocupantes. Seu próprio filho, Mohammed Hussein Bahr Al Uloum, participou junto com representantes do governo do Irã, das negociações de cessar-fogo com Al Sadr – diante do assassinato a tiros de um de seus diplomatas, os iranianos retiraram-se das conversações.

O Irã parece influenciar também o grupo xiita iraquiano mais significativo: trata-se da Assembléia Suprema para a Revolução Islâmica, que tem como braço armado as Brigadas Badr, que contam com cerca de 15 mil integrantes, treinados com a ajuda do exército do país vizinho. A organização é liderada pelo aiatolá Sayed Mohammed Baqir Al Hakim, que foi preso, torturado e mandado pelo regime de Saddam ao exílio no Irã, onde passou 23 anos. Em seu retorno, há cerca de um ano, Al Hakim disse não apoiar a instalação de um regime “extremista islâmico” no Iraque, mas que recusaria um “governo imposto” por forças estrangeiras. O aiatolá boicotou o primeiro encontro promovido pelos EUA entre as facções iraquianas, em 15 de abril de 2003.

Mesmo enfrentando problemas com Sadr, os americanos fazem questão de tratar de forma diferente os xiitas. Com os sunitas, por exemplo, as negociações parecem muito mais complicadas. Enquanto a cidade sunita de Falluja é alvo constante de ataques das forças americanas, Najaf tem seu centro preservado dos ataques. Na região está localizado o santuário de Ali, um dos locais considerados sagrados pelos xiitas. “Os xiitas nos disseram que se o santuário for destruído ou danificado, isso será visto como um ataque aos xiitas em sua totalidade”, disse o general britânico Andrew Stewart. **[Flávio Dagli]** ■

## Vitória e dúvida

**O presidente foi reeleito. Onde foi parar a força dos fundamentalistas?**

O resultado da eleição presidencial de março na Argélia parecem ter aspectos distintos. O atual presidente, Abdelaziz Bouteflika (*acima*), da Frente de Libertação Nacional (FLN), foi reeleito com cerca de 83,5% dos votos, o que mostra uma força política inegável (o ex-primeiro-ministro Ali Benflis, também da FLN, ficou em segundo, com apenas 8% dos votos). O que falta esclarecer, no entanto, é quanto apoio político o fundamentalismo islâmico ainda tem entre a população argelina.

A dificuldade da avaliação vem do fato de que a Frente Islâmica de Salvação (FIS) está na ilegalidade há mais

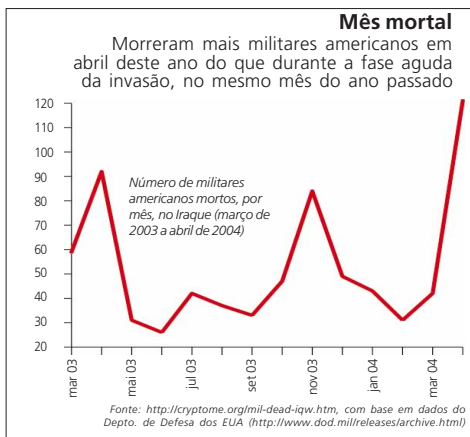


de dez anos, desde quando desafiou o monopólio da FLN, no poder desde 1962, quando o país tornou-se independente da França. A partir de 1989, a FLN passou a conviver com dezenas de outros partidos, dos quais o mais importante foi a FIS.

As primeiras eleições legislativas multipartidárias, de 1991, marcaram o início de uma guerra civil que já provocou a morte de 120 mil pessoas. Depois de obter uma vitória espetacular no primeiro turno, e quando se preparava para repetir o feito na fase seguinte, a FIS foi colocada na ilegalidade por um golpe militar. Seu braço militar, o Exército Islâmico da Salvação (EIS), iniciou então a rebelião armada.

Na eleição deste ano, a FIS declarou que não apoiava nenhum dos candidatos. Saad Jaballah, do Movimento da Reforma Nacional, um partido islâmico moderado, ficou em terceiro lugar, com apenas 4,8% dos votos\*. **[Pedro Gonçalves]** ■

\* Said Sadi, do Reagrupamento pela Cultura a Democracia, com raízes na minoria berbere, obteve 1,9%; Louisa Hanoune, a primeira mulher a concorrer ao cargo, do Partido dos Trabalhadores, de orientação trotskista, 1,1%; e Ali Rebain, do Ahd 54, apoiado por movimentos de defesa dos direitos humanos, 0,6%.



gia na cidade sagrada de Najaf, estima-se, tem o apoio de 15% dos xiitas. Foi ele que convocou o levante de abril, que contribuiu decisivamente para tornar o mês o mais sangrento desde o início das hostilidades, em maio do ano passado, quando o presidente dos EUA, George W. Bush, anunciou o fim dos principais combates. E a razão imediata parece ter sido o fechamento, pelos americanos, de seu jornal, que faz oposição à ocupação.

Comportamento muito diferente tem o grupo liderado pelo grão-aiatolá Ali